

As dificuldades de exercer o jornalismo no Brasil sob a perspectiva de raça e gênero ¹

Letícia OLIVEIRA²

Tobias ARRUDA³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

O presente trabalho analisa a situação do jornalista no Brasil, sob o recorte de raça e gênero. Objetiva discutir as dificuldades encontradas por jornalistas negros e negras para atuarem na profissão, diante de uma cultura embranquecedora. Metodologicamente, a pesquisa é de natureza bibliográfica, tendo como base de dados o estudo Perfil Racial da Imprensa Brasileira (JORNALISTAS E CIA et al, 2021). A pesquisa está fundamentada em estudos sobre negritude de autoras como Hooks (2000), Akotirene (2019) e Ribeiro (2019). Espera-se, como resultado, promover estímulo para mais pesquisas sobre a temática, bem como contribuir para um jornalismo igualitário.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Jornalista Negro; Mulher Preta; Racismo; Brasil.

INTRODUÇÃO

Historicamente, o racismo atua em todos os segmentos da sociedade e, ao longo dos anos, tem provocado perdas significativas na vida da população preta. A branquitude, estrutura que privilegia ou exclui pessoas em decorrência da cor da sua pele, é um dos principais fatores responsáveis por esse cenário. E, apesar de atualmente existir uma mobilização para reverter esse quadro, a situação ainda está longe de ser a ideal.

A escritora Djamila Ribeiro em seu livro “Pequeno Manual Antirracista” (2019) caracteriza a branquitude como um traço identitário “marcado por privilégios construídos a partir da opressão de outros grupos”. Ou seja, para pessoas brancas estarem na posição

¹ Trabalho apresentado na IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Graduanda do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, email: analeticiaoliveira@alu.uern.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social da UERN, email: tobiasqueiroz@uern.br

de pleno poder, pessoas pretas estiveram e estão em posição de violência, “uma pessoa branca deve pensar seu lugar de modo que entenda os privilégios que acompanham sua cor. Isso é importante para que privilégios não sejam naturalizados ou considerados apenas esforço próprio” (RIBEIRO, 2019, p. 32).

No ambiente de trabalho jornalístico a situação não é diferente, comunicadores negros sofrem boicotes em relação a ocupação de cargos e disparidade de salários por conta da discriminação racial. Além disso, esses profissionais passam por situações de assédio moral, descrédibilização do seu trabalho e, ainda, questionamentos em relação às suas opiniões e ideias.

Por isso, este trabalho tem o objetivo de mostrar o apagamento que os jornalistas pretos ainda sofrem e abordar como essas situações têm acontecido dentro da comunicação, principalmente se expressadas em números. Outra questão de destaque será o recorte racial e de gênero, ao mostrar como mulheres pretas estão em uma posição de sub-representação em relação às outras categorias de profissionais da comunicação.

METODOLOGIA

O estudo, busca analisar a realidade dos jornalistas pretos no cenário da comunicação brasileira, a partir da utilização de reportagens e pesquisas quantitativas baseadas no tema, além de termos e citações de livros de autores que escrevem sobre a negritude e branquitude. Destaco ainda que dentro do desenvolvimento do tema, foram feitos recortes sobre a participação de mulheres negras no ambiente jornalístico, tendo como objetivo apresentar os desafios encontrados para sua inserção no mercado de trabalho.

ANÁLISE DO TEMA

De acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) datados do ano de 2019, aproximadamente 56% da população brasileira se autodeclara negra ou parda e, mesmo sendo maioria, pessoas pretas tendem a perder espaço, ser violentadas e inferiorizadas por pessoas brancas. Esse panorama é a realidade de todos os segmentos que compõem a sociedade, inclusive do ambiente jornalístico.

No estudo “Perfil Racial da Imprensa Brasileira”, realizado por Jornalistas&Cia, Portal dos Jornalistas, Instituto Corda e I'MAX divulgado no ano de 2021, a atuação de

brancos é esmagadora em relação a de negros no jornalismo. Na pesquisa realizada com 1.952 profissionais de imprensa, 20,1% se autodeclararam pretos ou pardos, enquanto 77,6% se autodeclararam brancos. Os números escancaram ainda mais a disparidade de tratamento e o racismo neste meio.

Diante de um cenário tão desigual, a ausência de profissionais de comunicação negros não pode ser justificada pela falta de qualidade ou capacidade. É preciso reconhecer que a imprensa brasileira não tem disposição e preparo para promover a implementação de políticas específicas que tenham representatividade, que sejam inclusivas e antirracistas. Por isso, ainda sobre a pesquisa, 98% dos jornalistas que se autodeclararam pretos ou pardos dizem enfrentar mais dificuldades na carreira do que jornalistas brancos.

Djamila Ribeiro diz que “a ausência ou baixa incidência de pessoas negras em espaços de poder não costuma causar incômodo ou surpresa em pessoas brancas. Para desnaturalizar isso, todos devem questionar a ausência de pessoas negras em posições de gerência” (RIBEIRO, 2019, p. 31-32). Por isso, minoria nos veículos de imprensa, os jornalistas negros tem participação ainda mais reduzida em cargos de gerência. O estudo sobre o perfil racial da imprensa brasileira também revela que 61,8% das posições gerenciais são ocupadas por profissionais brancos, enquanto 60,2% das posições operacionais, ou seja, os repórteres, redatores e produtores são majoritariamente pessoas negras.

Um momento do jornalismo brasileiro que gerou discussão em relação ao apagamento de jornalistas pretos foi o primeiro debate presidencial transmitido pela TV Bandeirantes em agosto de 2022, não somente pela importância da ocasião, mas, também, pela ausência de profissionais de imprensa negros durante o programa - salvo a rápida participação de Cynthia Cruz no “esquenta” que antecedeu o debate.

A discussão levantada questionou a existência ou não de jornalistas negros no Brasil, já que sendo mais da metade da população nacional, deveria ser natural que a bancada formada por esses profissionais estivesse na mesma proporção. No entanto, o que pode ser visto não é uma falta de comunicadores pretos no mercado, mas sim a exclusão destes por parte de veículos de comunicação, principalmente dos que fazem parte da grande imprensa.

Em sua obra “O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras” (2000), a escritora Bell Hooks fala sobre a visão de trabalho do Feminismo Reformista antigamente, que exigia salários iguais para funções iguais, com o objetivo de alcançar igualdade social em relação aos homens de sua classe. No entanto, essa percepção não tinha relevância nem abrangia todas as mulheres.

As mulheres conquistaram mais direitos em relação a salários e cargos como resultados de protestos feministas, mas isso não eliminou completamente a discriminação por gênero. Hoje, em várias salas de faculdades, estudantes, tanto mulheres quanto homens, argumentam que o movimento feminista já não é tão relevante, uma vez que as mulheres agora tem igualdade (HOOKS, 2000, p.82).

Segundo Hooks, “todas as mulheres brancas desta nação sabem que a branquitude é uma categoria privilegiada” (HOOKS, 2000, p.89). No ambiente profissional, homens brancos dominam os cargos, principalmente os de autoridade, enquanto homens pretos são discriminados por questões de raça e mulheres brancas sofrem por questões de gênero. A questão é que abaixo dessas três categorias de pessoas está a mulher preta que é invisibilizada tanto pela raça quanto pelo gênero.

Carla Akotirene aborda em “Interseccionalidade” (2019) o conceito do termo do próprio título, que foi criado pela professora estadunidense Crenshaw. Para a autora brasileira “a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2019, p.14) e a partir dessa perspectiva busca analisar como estes três cenários não consideram a especificidade da situação de mulheres pretas.

Ainda sobre o estudo do perfil racial do jornalista no Brasil, entre as mulheres negras e pardas entrevistadas, 52,3% dizem já ter sido vítimas de misoginia e racismo no ambiente de trabalho. Dentre as violações, as profissionais relataram assédio racial e sexual, questionamentos quanto a sua capacidade no exercício da profissão, além de terem suas opiniões constantemente ignoradas e suas ideias desacreditadas.

No Brasil, um destaque na comunicação é Maria Júlia Coutinho, a Maju, uma mulher negra, jornalista, apresentadora, comentarista, radialista e repórter. Desde 2015, a comunicadora tem assumido jornais e programas de destaque na maior emissora do país, a Rede Globo. No entanto, mesmo ocupando um alto cargo e sendo referência no cenário jornalístico nacional, Maju nunca passou ilesa pelo racismo, principalmente vindo da internet.

Diante de tantas violências, as profissionais negras são fortemente prejudicadas em relação ao trabalho desempenhado e acabam se afastando do mercado. O impacto disso é sentido diretamente na produção jornalística, que já é comprometida pela falta de diversidade e inclusão, pois essas jornalistas estariam buscando pautas étnico-raciais e representatividade na condução das reportagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente jornalístico é formado por poucos profissionais negros se comparado a quantidade de brancos, no entanto isso não se deve a baixa procura na área, mas sim, por esbarrarem em condições de trabalho desestimulantes devido a discriminação racial, salários desiguais, questionamentos quanto a qualidade do trabalho desempenhado e tratamento diferenciado em relação aos jornalistas brancos. Por isso, mesmo com todos os recursos, o que se compreende a partir deste trabalho é que o mercado não está disposto a tratar jornalistas pretos com as mesmas condições que utiliza com comunicadores brancos acarretando o apagamento destes no segmento.

REFERÊNCIAS

ABRAJI. Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. **98% DOS JORNALISTAS negros apontam dificuldades para desenvolver carreira, diz estudo.** ABRAJI, 18 nov, 2021. Disponível em: <<https://abraji.org.br/noticias/98-dos-jornalistas-negros-apontam-dificuldades-para-desenvolver-carreira-diz-estudo>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.** 1ª ed. São Paulo: Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

CARVALHO, Eduardo. **Não existem jornalistas negros no Brasil? Veja quem poderia estar no debate.** UOL, 29 ago, 2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/eduardo-carvalho/2022/08/29/nao-existem-jornalistas-negros-no-brasil-veja-quem-poderia-estar-no-debate.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras.** 10ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

NARDO, Fernanda. **Estudo revela dificuldades enfrentadas por jornalistas negros no Brasil.** AERP, 25 nov 2021. Disponível em: <<https://aerp.org.br/geral/estudo-revela-dificuldades-enfrentadas-por-jornalistas-negros-no-brasil/>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TUDO sobre Maju Coutinho. UOL. Disponível em: <<https://natelinha.uol.com.br/famosos/tudo-sobre/maju-coutinho>>. Acesso em: 25 de mar. de 2023.

